

Nem “umas” nem “outras”, todas... – a representação da mulher na MPB na década de 1970

Nor "ones" neither "others", all... – the woman's representation in the brazilian popular music in the seventies.

Susana Claudino Barbosa *

RESUMO

O artigo trata de resultados de pesquisa de mestrado em Educação e Cultura da UDESC que tem por objeto a representação da mulher na Música Popular Brasileira (MPB) na década de setenta do século XX. Pretende demonstrar as etapas desse estudo que possibilitaram identificar as diversas representações de mulheres encontradas na MPB na década acima referida. As representações foram encontradas a partir do procedimento da análise de discurso das letras de músicas dos três primeiros discos long playing¹ colocados em dois grandes centros urbanos, Rio de Janeiro e São Paulo. Os dados foram extraídos das pesquisas do IBOPE (Instituto Brasileiro de Pesquisa e Opinião Pública) mantidas pelo AEL (Arquivo Edgard Leuenroth) da UNICAMP.

PALAVRAS-CHAVES: Representação Social. Estudos da Mulher. Música Popular Brasileira.

ABSTRACT

The article, that has as object the woman's representation in the Brazilian Popular Music (MPB) in the seventies, is the result of my Master Degree research in Education and Culture of UDESC. It intends to demonstrate the stages of this study that allowed to identify the several representations of women found in the MPB during the decade mentioned above. The representations were found through the discourse analysis proceeding of the lyrics in the three first long playing records divided into two big urban centers, Rio de Janeiro and São Paulo. The data were extracted from the researches of IBOPE (Brazilian Institute of Research and Public Opinion) supported by AEL (Edgard Leuenroth Archive) of the UNICAMP.

KEY-WORDS: Social Representation. Woman's Studies. Brazilian Popular Music

* Professora de História do Colégio da Univille e de Noções de Sociologia dos cursos de Engenharia e Física do Centro de Ciências Tecnológicas da UDESC/Joinville. Mestranda em Educação e Cultura pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. E-mail: susana_claudino@hotmail.com

¹ Discos *Long Playing* comumente conhecido como elepê (LP), é o termo utilizado no Brasil para designar o disco de vinil, medindo 12 polegadas e contendo aproximadamente 12 músicas, introduzido no país desde 1948. Maiores informações sobre a utilização do termo no Brasil ver moderno dicionário Michaelis inglês-português, português-inglês, São Paulo: Melhoramentos, 2000, p. 398.

1. Considerações iniciais

Para fundamentar a pesquisa que dá origem a este artigo, fiz um levantamento histórico acerca da situação da mulher no Ocidente desde as sociedades primitivas até a segunda geração do feminismo no século XX. Constatei que, durante esse período, o imaginário sobre a mulher fora construído pelos discursos masculinos. Desde os primórdios, a religião, a filosofia e a medicina vêm tentando atestar contra a autonomia da mulher.

Para os gregos, segundo Cabral (1995) a mulher era um ser inferior física e mentalmente. No que diz respeito aos direitos civis, não era melhor que um escravo. Filósofos como Platão e Aristóteles, tentavam comprovar, cientificamente, a inferioridade da mulher, defendendo que o sêmen era o único responsável pela concepção.

Nunes (1987) assinala que, na Idade Média o ideal cristão começava gradativamente, graças, principalmente, à Igreja Católica. Assumia um caráter patriarcal, tornando-se repressor no que tange à sexualidade, à emoção, à mulher. Com São Paulo, por exemplo, percebe-se a influência judaica extremamente misógina. Na Epístola do Éfesios, São Paulo prega:

As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da Igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém, a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido. (BIBLIA SAGRADA, 2001, 5:22)

O mito da criação serviu como argumento para sustentar que mulher seria inferior ao homem e dele dependente.

Maria seria para o cristianismo o modelo feminino de virtude, desejável, de acordo com os preceitos cristãos. Retomou ao estado original de Eva, pelo nascimento virginal de Cristo. Lembra Chamorro (2000, p. 144) que Maria, seria “a imagem feminina do divino mais popular, mais complexa e mais manipulada no cristianismo”

Filósofos do ‘Século da Luzes’ contribuíram para a manutenção do velho arquétipo feminino. Conforme Pinsky e Pedro (2003, p. 76). “A maior parte dos homens das Luzes

ressaltou o ideal tradicional de mulher silenciosa, modesta, casta, subserviente e condenou as mulheres independentes e poderosas”.

No século XIX, o discurso médico e filosófico continuava a defender para a mulher características de recato e submissão, subordinação da sexualidade à maternidade, predomínio do afetivo e restrição do intelecto.

O filósofo francês Rousseau (1712-1778) continuava dominando toda a produção de saber sobre as mulheres. Nas palavras de Kehl (1998), Rousseau enfatizava que: “A mulher é feita especialmente para agradar ao homem” e “para obedecer também”, sendo assim, conclui ele, “toda a educação das mulheres deve ser relativa ao homem”.

Nietzsche julgava o movimento feminista estúpido e representativo da decadência do mundo moderno. Em *Assim falou Zaratustra* assinala ele: “A felicidade do homem é: eu quero; a felicidade da mulher é: ele quer”. (BERTHELOT; HENRY, 2002, p. 1).

Aponta Kehl (1998), que, embora Kant considerasse a mulher um ser de razão e, por isso, livre nas suas escolhas, a mesma razão a destinaria ao papel de reprodutora da espécie e à submissão de seus interesses particulares aos da espécie.

No que diz respeito ao poder, conforme Perrot, (2001, p. 1777-178) Hegel afirmava: “O homem tem sua vida real e substancial no combate e no trabalho que o opõem ao mundo exterior e a si mesmo”. A mulher, pelo contrário, teria sido feita para a piedade e o interior. “Se se colocam mulheres à frente do governo, o Estado se encontra em perigo. Pois elas não agem conforme as exigências da coletividade, mas segundo os caprichos de sua forte inclinação e seus pensamentos”.

Da mesma forma que Hegel, ainda de acordo com Perrot (2001). Auguste Comte também falava da inaptidão da mulher para o governo, até mesmo na família. Conforme ele, o sexo feminino estaria em estado infantil contínuo.

No final do século XIX, começa-se a perceber que a mulher era menos imutável do que se queria crer. O século XX iniciara-se com algumas conquistas do movimento sufragista. Intensificam-se os estudos acerca da mulher do ponto de vista da psicanálise, do materialismo histórico e do próprio movimento feminista.

O movimento feminista do final dos anos de 1960, a chamada segunda onda do movimento, vem imbuído de preocupações, não apenas de ordem política e social, mas, também, norteado pelas primeiras construções de ordem teórica, que visam estudar mais a

fundo a mulher e sua história, tornando visível aquela que sempre fora ocultada, fornecendo bases para a reflexão e construção da identidade feminina.

No Brasil Colônia a posição da mulher apenas refletiu sua situação no mundo, a mulher sob o estigma de uma sociedade masculinista² e patriarcal. Não obstante, houve mulheres que se insubordinaram. Conforme Melo (2001) Nísia Floresta (1810-1885) no livro *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, publicado em 1832, denuncia a crença masculina de uma racionalidade inerente a eles. Salienta, ainda, o choque entre a esfera pública e a privada, ressaltando o intento masculino de reprimir a mulher, impossibilitando-a do acesso de instrumentos que a fizesse capaz de sobrepujar o micropoder e vir a ser, na esfera política, pública, sua concorrente.

Algumas revistas também surgiram, nesse momento, alertando sobre a necessidade da educação para a emancipação feminina.

O segundo momento de reaparecimento do movimento feminista no mundo foi marcado, no Brasil, pela ditadura militar, com a decretação do AI-5 em 1968. No Brasil, a postura da esquerda política era de desdém às reivindicações femininas. Os discursos sobre as relações de gênero são por eles ignorados e considerados divisionistas. Acreditavam que o movimento feminista minava a união necessária aos movimentos de esquerda, para a luta contra a ditadura.

Segundo Colling: “Para a esquerda que assumiu o saber do marxismo tradicional, onde tudo é reduzido ao antagonismo entre duas classes – operariado e burguesia -, discutir relações de gênero, liberdade sexual, era dividir o movimento”. (COOLING, 1997, p. 107).

No entanto, teria ocorrido no início dos anos de 1970, em meio ao período de repressão política, com o início da contracultura e as discussões nas universidades, o surgimento de espaços para a emergência do feminismo. Isso propiciou discussões teóricas acerca do assunto, a partir da próxima década.

Nesta minha pesquisa também se discutiu a opção pela categoria **mulher** e não pela categoria **gênero**, pois conforme algumas feministas, entre elas Butler (apu BESSA, 1995), o principal receio do feminismo atual quanto à abordagem que privilegia o uso da categoria de gênero, qual seja o medo de que a indeterminação de sujeito fundador do movimento

². Expressão utilizada pelo estudioso César Aparecido Nunes em sua obra “Desvendando a sexualidade”, p. 63 para explicar a formação do patriarcalismo. Maiores detalhes sobre a obra vide referências.

feminista (a mulher) inviabilize a luta política que vem sendo travada contra a discriminação sexual.

Outro aspecto a se considerar é que, por ser um termo relacional, como aponta Costa (1998), entendendo que o feminino só se dá em relação ao masculino, a ênfase no gênero colocou uma tarefa mais árdua; para estudar a mulher, ter-se-ia que estudar o homem, levando o gênero a ficar entre o homem e a mulher, e não mais nas relações de poder que estruturam sistemas de desigualdade e opressão.

2. A pesquisa e seus procedimentos

Considerando os argumentos colocados, minha pesquisa privilegiou a utilização da categoria mulher, lembrando o fato de ser a mulher “uma categoria heterogênea, construída historicamente, por discursos e práticas variadas, sobre os quais repousa o movimento feminista” (COSTA, 1998, P. 138). A pesquisa dedicou um capítulo à questão da representação social, visando obter subsídios para identificar as representações que se encontrariam nas canções.

Sob a ótica da História Cultural, o estudo das representações sociais passa pela tarefa de identificar o modo como em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social fora construída e pensada. Para Chartier (1990, P. 17), embora as representações do mundo social “aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”.

Para Pesavento (1994), o documento histórico seria, simplesmente, outra a representação do real e não a reprodução fiel da realidade. Nesse sentido, segundo Jovchelovitch (2000) sendo a história uma representação do passado, deveria ser uma história das representações.

No que se refere às mulheres, Crampe-Casnabet (1991) denuncia: “[...] a mulher é um objeto de representação constituído por outro sujeito, diferente do seu, que se coloca no seu lugar, o sujeito masculino. Desde que há homens, o acto de representar a mulher tem mostrado a sua constante eficácia”.

Após pesquisa bibliográfica acerca da história da mulher ocidental no mundo e no Brasil, bem como, sobre a categoria gênero e a representação social, seguiu-se a seleção das músicas.

Para tanto, inicialmente, tomei por base as pesquisas feitas pelo IBOPE no Rio de Janeiro e em São Paulo ao longo da década de 1970, considerando os três primeiros discos mais tocados nas rádios em cada cidade. Esses dados, do IBOPE, foram disponibilizados pelo arquivo AEL (Arquivo Edgard Leuenroth da UNICAMP).

Os dados encontrados, referiam-se a médias mensais ao longo de cada ano, como pode ser observado nos quadros a seguir, como exemplo:

Quadro 1 – Classificação dos discos mais vendidos no mês de janeiro de 1974 no Rio de Janeiro

MÊS DE JANEIRO/74 – RIO DE JANEIRO			
DISCO : LONG PLAYING			
1	Roberto Carlos	Roberto Carlos	CBS
2	Sambas de Enredo do 1º Grupo	Vários	Top Tape
3	Secos e Molhados	Secos e Molhados	Continental
4	O Semideus	Vários	Som Livre
5	Drama 3º Ato	Maria Bethânia	Philips
7	Origens	Martinho da Vila	RCA
8	Chico Canta	Chico Buarque	Philips
9	Samba é uma Parada	Os Caretas	Polydor
10	Sua Paz Mundial	Vários	Som Livre

Fonte: IBOPE (1974)

Quadro 2 – Classificação dos discos mais vendidos no mês de janeiro de 1974 em São Paulo

MÊS DE JANEIRO/74 – SÃO PAULO			
DISCO : LONG PLAYING			
LUGAR	TÍTULO	INTERPRETE	GRAVADORA
1	Secos e Molhados	Secos e Molhados	Continental
2	Roberto Carlos	Roberto Carlos	CBS
5	Origens	Martinho da Vila	RCA
6	É preciso cantar	Originais do Samba	RCA
7	O máximo de sucessos N° 9	Diversos	Philips
8	Mulheres de areia	Trilha Sonora	Philips

9	Drama Ato 3º	Maria Bethania	Philips
10	Cadê, Cadê	Odair José	Philips

Fonte: IBOPE (1974)

Foram, de antemão, descartados discos contendo músicas internacionais, marcados no quadro por lacunas não preenchidas, e, num segundo momento, os discos de coletâneas e trilhas sonoras.

Realizada essa primeira etapa, considerando-se essa falta de obtenção de médias anuais, optei pelas médias mensais, para cada ano, utilizei o processo de pontuação escalonada, atribuindo-se pontos de 10 a 1 para os 10 primeiros colocados a cada mês, visando estabelecer, anualmente, os discos *Long Playing* mais vendidos. Lembre-se a exclusão dos discos mencionados no parágrafo anterior. O procedimento utilizado poderá ser visualizado melhor no quadro 3:

Quadro 3 – Classificação através da pontuação escalonada dos discos *Long Playing* mais vendidos no ano de 1974 no Rio de Janeiro

LU-GAR	PONTUAÇÃO	JAN.	FEV.	MAR.	ABR.	MAIO	JUN.
1	10	Roberto C.		Secos & M.	Tim Maia		
2	9		Secos& M.			Tim Maia	Roberto C
3	8	Secos& M.		Roberto C.	Roberto C.	Roberto C.	Tim Maia
4	7	Semideus	Roberto C.				
5	6	Bethânia	Bethânia		Secos& M.		
6	5		Tim Maia			Nelson G.	
7	4	Martinho da V. - Origens	Martinho da V..- Origens	Bethânia		Antônio Carlos&Joc	The Fevers
8	3	Chico Canta		Tim Maia	Bethânia		Nelson G.
9	2	Os Caretas	Os Caretas	Martinho da V. - Origens		Secos& Molhados	
10	1	Sua paz mundial	Chico Canta	José Augusto			Jorge Ben

LU-GAR	PONTUAÇÃO	JUL.	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.	CLASSIFICAÇÃO GERAL
1	10				Clara Nunes	Martinho da V.-Canta	Martinho da V Canta	Roberto C. 74 pontos
2	9	Roberto		Clara	Martinho	Clara Nunes	Roberto	Clara Nunes 39

		Carlos		Nunes	da Vila Canta		Carlos	pontos
3	8		Jorge Ben				Clara Nunes	Secos & Molhados 37 pontos
4	7	Jorge Ben	Originais do Samba	Jorge Ben		Beth Carvalho	Beth Carvalho	Martinho da V.- Canta ... 31 pontos
5	6		Tim Maia	Elis e Tom				Jorge Bem 28 pontos
6	5	Tim Maia	Elis e Tom	Originais do Samba			Juca Chaves	
7	4		Roberto Carlos		Originais do Samba	Elis Regina	Bethânia	
8	3	MPB-4	Clara Nunes	Secos & Molhados	Jorge Ben	Gal Costa		
9	2	Trilha Sonora		Martinho da Vila Canta ...		Jorge Ben	Baianos e Novos Caetanos	
10	1		MPB-4	Roberto Carlos	Roberto Carlos		Elza Soares	

Fonte: IBOPE (1974)

Tomando como exemplo o disco de Roberto Carlos, pode-se verificar sua recorrente incidência em segundo e terceiro lugar, para os quais, respectivamente, foram atribuídas pontuações 9 e 8, totalizando, ao fim, 74 pontos no ano de 1974, no Rio de Janeiro, posicionando-o em primeiro lugar.

Para fins de análise, foram, entretanto, privilegiados apenas os três primeiros discos mais pontuados, conforme quadro 4, resultando daí, os seguintes, para análise:

Quadro 4 – Discos selecionados para análise das músicas

DISCOS SELECIONADOS PARA ANÁLISE		
ANO	SÃO PAULO	RIO DE JANEIRO
1970	Roberto Carlos	Roberto Carlos
	Tim Maia	Agnaldo Timóteo
	Agnaldo Timóteo	Tim Maia
1971	Roberto Carlos	The Fevers
	Moacyr Franco	Roberto Carlos
	Ivan Lins	Tim Maia
1972	Roberto Carlos	Roberto Carlos
	Moacyr Franco	Chico Buarque (Construção)
	Martinho da Vila(Batuque na cozinha)	Martinho da Vila (Batuque na cozinha)
1973	Roberto Carlos	Roberto Carlos
	Caetano e Chico ao vivo	Maria Bethânia (Drama 3º ato)
	Secos & Molhados	Caetano e Chico ao vivo
1974	Roberto Carlos	Roberto Carlos
	Secos & Molhados	Clara Nunes (Clara Nunes)
	Martinho da Vila (Canta, canta minha gente)	Secos & Molhados
1975	Benito Di Paula ao vivo	Martinho da Vila (Canta,canta minha gente)
	Martinho da Vila (Canta,canta minha gente)	Benito Di Paula ao vivo
	Roberto Carlos	Roberto Carlos
1976	Elis Regina (Falso brilhante)	Benito Di Paula
	Martinho da Vila (Maravilha de cenário)	Martinho da Vila (Maravilha de cenário)
	Clara Nunes (Claridade)	Maria Bethânia (Pássaro proibido)
1978	Roberto Carlos	Roberto Carlos
	Beth Carvalho (Nos botequins da vida)	Alcione (Alerta geral)
	Maria Bethânia (Pássaro da manhã)	Jorge Ben (A banda do Zé Pretinho)

Fonte: IBOPE

Em verdade, apesar de os três discos, nas duas cidades, aparentemente contabilizarem, se somados, seis por ano, o número de discos selecionados para pré-análise, por vezes, foi menor, posto que, freqüentemente, repetiam-se como mais pontuados nas duas cidades. Serve de exemplo o ano de 1975, no qual **Benito Di Paula ao vivo** obteve 1ª posição em São Paulo e 2ª no Rio de Janeiro. Por fim, 31 discos foram selecionados.

Na seqüência, abrindo os discos, passei à seleção de músicas. Essa etapa, por sua vez, contou com a exclusão inicial de músicas de folclore e versões. Também adotei, como critério, considerar apenas as músicas realmente expressivas em relação às representações femininas, aquelas com um conteúdo significativo em termos qualitativos e/ou quantitativos de informações e representações a ser explorado. E, ainda, privilegiadas apenas letras que não deixassem dúvida acerca do objeto sobre quem se fala ou “sujeito” que “fala” (a mulher). Assim sendo, foram eliminadas da listagem as composições em que, mesmo estando implícito o pensamento masculino, não estivesse explicitado nominalmente – como prova incontestável – a palavra do homem ou da mulher relativa à “Mulher” em

seus diversos significados, em suma, a escrita supostamente neutra. Nessas condições, restaram 26 LP's e o número de músicas restantes para a análise foi de 72. Em seguida, procedeu-se a análise de discurso.

3. Analisando os discursos

Na canção “Umas e Outras”, por exemplo, de Chico Buarque de Holanda, o compositor contempla uma exposição binária do feminino veiculada pelo cristianismo: a santa versus a prostituta. O compositor expõe esse binarismo de forma interessante, tornando-as, apesar dos caminhos opostos, vítimas de uma mesma sina hostil, destinada, potencialmente pela sua sexualidade e explicita isso numa relação de empatia e reconhecimento na dor por parte de ambas: *“mas toda santa madrugada quando uma já sonhou com Deus/ E a outra, triste namorada, coitada, já deitou com os seus/ O acaso faz com que essas duas, que a sorte sempre separou/ Se cruzem pela mesma rua olhando-se com a mesma dor”*. Uma tem que se configurar como “correta” sem satisfação nem prazer, resta-lhe o conforto da religião e da idéia de um futuro paraíso. A outra, para a qual não existe paraíso, sobrevive do prazer que proporciona a outrem. Ambas sem escolha caminham por uma “calçada” construída por uma sociedade masculinista, não lhes restam outros caminhos a trilhar, não são donas de suas vidas.

Analisadas as 72 canções, chegou-se ao seguinte quadro conclusivo no que se refere aos tipos de representações de mulher.

TIPOS DE REPRESENTAÇÕES SOBRE A MULHER NA MPB – DÉCADA DE 70	
SUBMISSÃO-RECATO-PASSIVIDADE	Esse cara, Atrás da porta, Eu sou a outra, Olha Maria, Cavalgada, Não adianta nada, Terezinha, Soneto, Rotina, Prelúdio N° 4, Além de tudo, Quero ver você de perto, Como dizia o mestre, Lá vem ela chorando ou Dinheiro não há, Maria da Hora., A namorada, Disritmia.
RACIONALIDADE X AFETIVIDADE	Atrás da porta, Sua estupidez, Tatuagem, Terezinha, A estação
VINGANÇA	Atrás da porta, A Rita, Pode esperar, Olhos nos olhos, Arlequim de bronze

ABANDONO	Atrás da porta, Não adianta, Nada vai me convencer, Se eu partir, Saudade e samba,
MAIOR CONSCIÊNCIA, AUTÔNOMIA (RUPTURA COM O DISCURSO DOMINANTE)	Olhos nos olhos, Tigresa, De tanto amor, Desalento, Olha Maria, Falando sério, Ana de Amsterdã, Bárbara, Olho por olho, Tatuagem, É por você que vivo, A Rita, Pode esperar, Arlequim de bronze, Não me importo nada, Amada Amante, Minha Senhora, Soneto, Prelúdio n. 4.
CULPABILIDADE PELO SOFRIMENTO DO HOMEM	Ana, Uma palavra amiga, Não adianta, Nada vai me convencer, Você vai ficar na saudade, Sofrimento de quem ama
IMANÊNCIA X TRANSCEDÊNCIA, DISCURSO DA ESPERA FEMININA	Valsinha, Cotidiano, Você não sabe o que vai perder, Terezinha, Rotina, Morena dos olhos d'água, Disritmia, Você não entende nada, A namorada
IDEALIZAÇÃO, IDOLATRAÇÃO, MULHER-MUSA	Beleza que é você mulher, Madalena, Oh! meu imenso amor, A deusa da minha rua, Amante amado, Mãe-Maria, Bodas de prata, Você é linda.
MISOGINIA, FEMININO MENOSPREZADO, INCAPACIDADE INTELECTUAL,	Esse cara, Você não passa de uma mulher, Volta por cima, Sua estupidez, Maria escandalosa, Na outra encarnação, Ela desatinou, Você não entende nada, Você não sabe o que vai perder, Como dizia o mestre.
DISCURSO DA VERDADE PROFERIDO PELO HOMEM, ACONSELHADOR	O mundo é um moinho, Formosa, Sua estupidez, Morena dos olhos d'água, Jogo de damas.
OPORTUNISMO E FALSIDADE	A próxima atração, Lá vem ela chorando ou dinheiro não há, Sofrimento de quem ama, Você vai ficar na saudade, Você morreu pra mim.
MULHER RELACIONADA A ESFERA DOMÉSTICA	Cotidiano, Quando as crianças saírem de férias, Sambas de roda e partido alto, Você não entende nada, A namorada, Batuque na cozinha.
FRAGILIDADE FEMININA	Esse cara, Eu preciso aprender a só ser,
DICOTOMIA SANTA X PROSTITUTA	Umás e outras, Ana de Amsterdã, Jogo de damas. Eu sou a outra.

Fonte: Músicas dos discos selecionados a partir dos dados do IBOPE

Na maioria das canções analisadas, o que se conseguiu constatar foi a presença de estereótipos femininos enraizados numa gama de discursos, que tem como grande expoente a dicotomia mulher santa versus mulher diabólica, obstruindo-a no seu constituir-se como ser humano. Embora esse fosse o discurso orientado preferencialmente pela Igreja, era confirmado pelos médicos e filósofos, em diferentes contextos, que não aceitavam outro comportamento para mulher que não aquele julgado, por eles, como correto, feminino, ou seja, a mulher casta, discreta, doméstica, virtuosa, moderada. Manifestações avessas a esse comportamento eram por eles julgadas como aberrações de mulheres que contrariavam sua natureza subserviente, passiva e maternal.

Vale lembrar que o discurso permaneceu sendo do homem, que mesmo fazendo-se passar por sujeito feminino relatava a verdade que pensava ou desejava em relação à mulher. Santa Cruz (1992, p. 8), enfatiza que, “nada melhor do que as letras de música popular feitas por homens, para averiguar o que está por trás de grande parte do discurso musical que, no seu todo, é essencialmente masculino”³.

Apenas duas compositoras aparecem em meio às canções analisadas, ainda assim em parceria com homens. Foram elas Isolda, em parceria com Milton Carlos, (irmão da mesma) na composição “*Jogo de damas*” e Rosa Maria, em parceria com Tim Maia, na composição “*É por você que vivo*”. Lembrando as palavras de Funck (1990, p. 259-260), “[...] a crença na masculinidade inerente ao ato de criar ou produzir, em oposição ao de procurar ou reproduzir, acabou por deixar a mulher fora da esfera artística”.

Em compensação, muitas mulheres ocupavam-se da interpretação dessas letras parecendo atestar o afirmado sobre elas pelo homem. A cantora Maria Bethânia evidenciou-se como a responsável pela maioria das regravações – composições que datam, aproximadamente, da década de 1950 – tais como “*Bodas de Prata*”, “*Mãe Maria*”, “*Volta por cima*” e “*Maria escandalosa*”, todas elas, assim como era comum na década referida no que concerne ao feminino, retratando a mulher de forma assujeitada, objeto do homem. Com isso, a intérprete auxilia na transposição de uma representação de um momento anterior para o presente, assegurando a manutenção da mesma e a reforçando diante da pressuposta “veracidade” do discurso diante de sua retomada.

4. Considerações finais

Analisar a representação social da mulher, no período referido, implicou em remeter à história da mulher desde os primórdios de que se tem relato, passando pelos discursos da Igreja, da medicina, da filosofia respectivos a cada época, pelo discurso daqueles que criavam e instituíam os códigos sociais, ou seja, o discurso do homem acerca da mulher.

³. SANTA CRUZ, Maria Áurea. **A musa sem máscara**: a imagem da mulher na música popular brasileira. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992, p. 8.

Retomando a maioria das canções analisadas, constatei a presença de estereótipos femininos enraizados numa gama de discursos que tem como grande expoente a dicotomia mulher santa x mulher diabólica, obstruindo-a no seu constituir-se enquanto ser humano. Embora esse fosse o discurso oriundo, preferencialmente, da Igreja, era confirmado e complementado pelos médicos e filósofos, em diferentes contextos, que não aceitavam outro comportamento para a mulher que não aquele julgado como correto, feminino, por eles, ou seja, a mulher casta, discreta, doméstica, “virtuosa”, moderada. Manifestações avessas a esse comportamento, eram por eles, julgadas como aberrações de mulheres que contrariavam sua natureza subserviente, passiva e maternal.

Tais discursos parecem ter tido sua eficácia, como percebi na análise das letras, tendo um grande poder de persuasão sobre o próprio sexo feminino, prejudicado dentro dessa ordem social, a ponto de a mulher assimilar a dita natureza feminina, criada pelo homem, como sua verdadeira natureza, trazendo tal estigma internalizado até os dias atuais.

Comprovei, também, através desse trabalho, o caráter mantenedor e, paradoxalmente, transformador da representação social que, move-se em meio às relações sociais. Algumas canções de décadas anteriores, regravadas na década de 1970, vêm reforçar determinados imaginários acerca da mulher. Por outro lado, o surgimento de um novo discurso sobre a mulher em algumas letras, influenciado pela segunda onda do movimento feminista nesta década, denotam o caráter mutável da representação

Minha pesquisa constatou ainda que a mulher pouco produzia, cabendo a ela o papel de intérprete das canções. Apenas duas compositoras foram encontradas, mesmo assim, em parceria com compositores masculinos. Foram elas Isolda, em parceria com Milton Carlos, (irmão da mesma) na composição “Jogo de Damas” e Rosa Maria, em parceria com Tim Maia, na canção “É por você que vivo”. Enfim, a voz que prevalecia era a do homem, o conceito de mulher veiculado era por ele criado e mantido através de uma rede de representações advindas de momentos anteriores ao estudado.

Contudo, a presença de canções relatando situações fora do lugar-comum para a mulher, ainda que na fala do homem, apontam para alguma mudança nessa década em relação à representação social do sexo feminino. Soma-se a isso, ainda, a presença, cada vez mais constante, do sujeito (não do autor) feminino no discurso da música que, embora pudesse e de fato contribuísse para a eficácia da assimilação de um determinado imaginário

sobre o feminino, nas mãos de alguns compositores, como por exemplo, Chico Buarque, tornava-se instrumento para possibilitar a emergência de novos arquétipos de mulheres mais próximos à realidade. Também, no mesmo período, o ressurgimento do feminismo começava a viabilizar uma participação mais ativa da mulher em diversas esferas, culminando, no setor da música, no afloramento da compositora, em fins da década de 1970, reivindicando a autoria de sua voz, iniciando sua própria história, escrevendo-se nela, de modo a conciliar em si mesma a compositora e a interprete de sua própria vida.

Referências

BERTHELOT, Olivier; HENRY, Natacha. *Masculino/Feminino: as identidades em questão*. Disponível em: <[http:// www.france.org.br/abr/label37/dossier/07identites.html](http://www.france.org.br/abr/label37/dossier/07identites.html)> Acesso em 8/06/2002.

BESSA, Karla Adriana Martins. “Gender trouble”: outra perspectiva de compreensão do gênero. *Cadernos Pagu: Fazendo história das mulheres*. São Paulo nº, 4, 1995. Núcleo de estudos de gênero/ UNICAMP.

BÍBLIA SAGRADA. 140.ed., tradução dos originais hebraico e grego feita pelos Monges de Maredsous (Bélgica), São Paulo:Ave Maria, 2001.

CABRAL, Juçara Teresinha. *A sexualidade no mundo ocidental*. São Paulo: Papirus, 1995

CHAMORRO, Grassiela. Teologia e representação: uma aproximação ecofeminista do monoteísmo. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (Orgs.) *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. São Paulo: Papirus, 2000

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. (tradução Maria Manuela Galhardo). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990..

COOLING, Ana Maria. *A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

COSTA, Claudia de Lima. O tráfico de gêneros. *Cadernos Pagu: trajetórias do gênero, masculinidades...* São Paulo, nº 11, 1998. Núcleo de estudos de gênero/ UNICAMP, 1998.

CRAMPE-CASNABET, Michèle. A mulher no pensamento filosófico do século XVIII. In: DUBY, George; PERROT, Michelle, *História das mulheres*. Vol. 3, São Paulo: Edições Afrontamento, 1991.

FUNCK, Susana Börneo. O ‘Kunstleroman’ na literatura norteamericana contemporânea. In: GOTLIB, Nádia B. (Org.). *A mulher na literatura – Vol.III*. (IV Encontro Nacional da Anpoll). Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Rio de Janeiro : Vozes, 2000.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro : Imago, 1988.

MELO, Ellen et.al. Representação de gênero: abordagem histórica. In: FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho (Org.). *Ensaaios sobre gênero e educação*. Salvador: UFBA, 2001.

NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. 2.ed. São Paulo: Papirus, 1987.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução Denise Bottmann. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A história do fim do século em busca da escola. *Em Aberto*. Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. Mulheres: igualdade e especificidade. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs). *História da cidadania*. São Paulo:Contexto, 2003.

SANTA CRUZ, Maria Áurea. *A musa sem máscara: a imagem da mulher na música popular brasileira*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

Recebido: novembro/2003

Aprovado: março/2004